



INTERNACIONAL

Ano X Nº 389
21 de Outubro de 2010
Índice

Ataque tucano à liberdade de expressão	01
Com economia aquecida, aumentam as greves	02
Sindicatos participam de rede global da Gerdau	03
Três milhões manifestam-se na França	04
Costa Rica: Mineiros em greve de fome	04
Serra seria um desastre para a política externa	05

Ataque tucano à liberdade de expressão

Tentativa de recolher Jornal da CUT é manobra para desviar atenção da fábrica de calúnias e boatos mantida pelo PSDB

Artur Henrique, presidente da CUT

A tentativa do PSDB, através da Justiça Eleitoral, de recolher a edição de setembro do "**Jornal da CUT**" e da última edição da "**Revista do Brasil**" (publicação de responsabilidade da Editora Atitude) é mais uma demonstração de que os tucanos têm sérias dificuldades de conviver com a democracia – sendo o candidato José Serra o mais avesso a essa conquista do povo brasileiro, haja vista o modo como lida com trabalhadores que com ele tentam negociar – cassetetes e balas de borracha.

Na verdade, a ação tucana junto ao TSE procurou, em vão, desviar a atenção do escandaloso flagrante policial em gráfica ligada à campanha de Serra, que trouxe a público a autoria dos panfletos mentirosos e caluniadores voltados contra a candidatura Dilma. A Gráfica Pana é de propriedade de uma irmã de Sérgio Kobayashi, um dos coordenadores da campanha de Serra

Além disso, o recurso dos tucanos junto ao TSE prova, mais uma vez, que quando eles mentem quando dizem prezar a liberdade de opinião. Esta, para eles, só vale quando lhes é favorável e contrária a outras candidaturas, tal como é praticada por certas revistas, jornais e emissoras.

A incursão serrista ao TSE também teve lances de amadorismo – como pedir para recolher um jornal rodado há mais de um mês e, portanto, completamente distribuído ou, ainda, nos dizeres do próprio relator do caso, sem apontar onde, no material impresso, haveria campanha a favor de uma ou outra candidatura.

Que fique de uma vez por todas comprovada a hipocrisia dos tucanos e de Serra

Segundo
informação do
blog Maria Frô, a
revista censurada
da Rede Brasil
Atual foi colocada
no site scribd, no
seguinte endereço
<http://www.scribd.com/doc/39603734/RdB-52-censurada>



Com economia aquecida, aumentam as greves

As greves estão em alta no Brasil. O número de categorias cujos trabalhadores cruzaram os braços para atingir suas reivindicações trabalhistas aumentou 42% entre 2005 e o ano passado, quando foram registradas 516 greves no país - número mais elevado desde as 525 registradas em 2000. Levantamento realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) à pedido do Valor mostra que a composição das greves também vem mudando, com maior equilíbrio entre paralisações no setor público e na esfera privada, fenômeno que atingiu seu ápice em 2009, quando o número de greves nos dois setores foi praticamente idêntico: 254 greves nas estatais e três esferas do setor público e 262 em empresas privadas.

A reportagem é de João Villaverde

O elevado número de greves - e sua distribuição no setor público e privado - está distante, no entanto, do verificado entre o fim dos anos 80 e o início da década de 90. Na série levantada pelo Dieese, que apresenta o número de greves no país desde 1983, o auge foram as 1.972 paralisações de 1989. No ano seguinte, primeiro do governo Fernando Collor, o número foi igualmente expressivo: 1.782. Além destes, o triênio entre 1994 e 1996 e também o ano de 1986 registraram mais de mil greves.

"As greves refletem a situação econômica do país, e, em menor medida, o momento político", diz José Silvestre, coordenador de relações sindicais do Dieese. Silvestre cita a evolução pela qual passaram os sindicatos e os mecanismos legais desde a Constituição de 1988, que permitiu a criação de sindicatos, federações e confederações de servidores públicos. "A partir dali, há um crescimento no número de greves no setor público, que também passa a se relacionar melhor com o funcionalismo", diz ele.

A institucionalização do sindicalismo no setor público serviu para reduzir os conflitos policiais com grevistas, deixando no passado casos como a morte de três trabalhadores em greve na CSN, então estatal, em novembro de 1988 - mês seguinte à aprovação da Constituição.

Para Giovanni Alves, doutor em ciências sociais pela Unicamp e professor de sociologia da Unesp, entender o contexto político e econômico é central para compreender o ressurgimento das greves. Enquanto nos anos 80, afirma Alves, os sindicatos funcionavam como "voz ativa e organizada" da sociedade que testava os limites da ditadura militar - que terminaria em março de 1985 - e, em seguida, os limites da recém-conquistada democracia, nos anos 90 o papel dos sindicalistas era mais defensivo. "A história do Brasil precisa ser dividida entre antes e depois de Collor. A partir de 1990 há um verdadeiro terremoto social, por meio da abertura econômica e desregulamentação das atividades do Estado, que atinge em cheio as empresas e, por consequência, os trabalhadores e sindicatos", afirma ele.

Segundo os especialistas consultados pelo Valor, a atuação do movimento sindical, e, portanto, das greves no mercado de trabalho, pode ser dividida em três fases. Wilson Amorim, coordenador de pesquisas da Fundação Instituto de Administração (FIA-SP), avalia que na década de 80 as greves ocorriam por categoria, isto é, envolvendo todas as empresas de um setor em determinada região, enquanto nos anos 90 as paralisações passaram a ocorrer por empresa. "Como havia uma reestruturação da economia, o contexto passou a ser de múltiplas situações. Enquanto uma empresa cedia às reivindicações, outra, do mesmo setor, na mesma cidade, não tinha capacidade, o que gerava greves, mas não mais por categoria", diz Amorim.

A aceleração do crescimento, a partir de 2004, iniciou no país uma terceira fase na luta sindical. "A greve agora é decorrência natural do aquecimento do mercado de trabalho", diz Amorim.

As motivações das greves têm se alterado. Enquanto há trinta anos os sindicatos buscavam institucionalizar-se como negociadores, e nos anos 90 cruzavam os braços para reivindicar salários atrasados ou menos demissões, as greves agora são motivadas por aumento nos salários. Segundo levantamento do Dieese, 50,6% de todas as greves registradas em 2009 foram motivadas por reajustes salariais. Entre as nove motivações relatadas pelos sindicatos, greves contra demissões representaram só 7,9% das paralisações do ano passado. (*Valor Econômico*, 18.10.2010)

Sindicatos participam de rede global para melhorias na Gerdau

Novamente os sindicatos exigem encontros para a melhoria da saúde e segurança na Gerdau após relatórios sobre a política da empresa para ocultar os acidentes por meio do retorno dos trabalhadores antes mesmo de serem capazes de trabalhar



O **4º Encontro Internacional dos Trabalhadores do Conselho Mundial da Gerdau** foi realizada em Bilbao e Reinosa, na Espanha, de 5 a 7 de outubro. Os sindicatos que participam da reunião, realizada nas cidades onde as duas maiores usinas da Gerdau, aproveitaram a ocasião para chamar a atenção dos governos locais para as enganosas práticas de responsabilidade social da empresa.

O Conselho mostrou aos governos locais como a Gerdau utiliza seus vastos recursos para melhorar a sua imagem, substituindo as funções do Estado, e, mais tarde relembra seu investimento pagando menos impostos. Os prefeitos das duas cidades estavam interessados nestas iniciativas e, em particular, o prefeito de Reinosa, José Miguel Barrio, disse que "a Gerdau é a dona", mas a planta "pertence a todos nós, porque muitas gerações de nossas famílias têm trabalhado para tornar esta planta bem sucedida."

O Conselho debateu novamente as políticas de saúde e segurança da Gerdau, especialmente após a morte de um trabalhador em um acidente de trabalho ocorrido em 5 de setembro de 2010, em Basauri. Em particular, todos os participantes compartilharam suas histórias de como a Gerdau omite acidentes fazendo as pessoas voltarem ao trabalho mesmo quando elas ainda são incapazes de trabalhar. A Gerdau somente conta como acidente no local de trabalho quando os trabalhadores não podem voltar para ao posto, e os trabalhadores terceirizados não estão incluídos nas estatísticas da empresa, mesmo quando são vítimas em alguma usina da Gerdau.

A meta da empresa é dizer "não há nenhum acidente aqui porque o trabalhador está de volta ao trabalho". O Conselho viu o truque em ação durante uma visita à fábrica da Gerdau em Reinosa. Na entrada da usinagem há uma grande placa dizendo: "Dois anos sem acidente com tem perdido". Claramente, o sinal não disse quantos acidentes ocorreram sem perda de tempo, durante esses dois anos.

O Conselho enviou uma carta a Andre Gerdau Johanpeter, CEO do Grupo Gerdau, com as seguintes reivindicações:

- * Soluções negociadas em Yumbo e Duitama, da Colômbia,
- * Parar as atividades anti-sindicais na República Dominicana,
- * Aceitar a criação de uma Comissão Mista Internacional de Saúde e Segurança,
- * Reconhecer os trabalhadores do Conselho Mundial da Gerdau, e
- * Negociar um quadro de acordos que regula as relações entre a Gerdau e seus sindicatos.

Os sindicatos presentes na reunião representam os trabalhadores da Gerdau na Argentina, Brasil (CNM/CUT), Canadá, Colômbia, Chile, Estados Unidos, Peru e Espanha. Fernando Lopes, secretário-geral adjunto da FITIM, também participou da reunião.

"Esse foi mais um encontro que nós trabalhadores tiramos em conjunto de enviar uma carta para o presidente do grupo gerdau, pedindo que a empresa reconheça o comite", reafirmou o Coordenador do Comitê Internacional da Gerdau, Valmir Lodi.

Os participantes da reunião também discutiram e aprovaram um plano de ação para o ano que vem e decidiu que a próxima reunião do Conselho será na Colômbia. *(tradução de Yuri Nunes - Imprensa CNM/CUT) (FITIM, 14.10.2010)*

Três milhões manifestam-se na França

Neste sábado, o oitavo protesto massivo contra o aumento da idade da reforma voltou a encher as ruas das cidades francesas. As paralisações nas refinarias estão a provocar grave escassez de combustível. Terça-feira realiza-se nova jornada de luta.

“Viver desempregado ou morrer a trabalhar”, diz cartaz transportado por jovens na manifestação em Paris. 16 de Outubro de 2010 – Foto de Sylvain Lefevre/Epa/Lusa As ruas das cidades francesas voltaram a encher-se com as manifestações de protestos contra o aumento da idade da reforma, mínima dos 60 para os 62 anos e dos 65 para os 67 anos para a reforma completa. Segundo as sondagens, 70% está contra a lei e a esmagadora maioria concorda com a vaga de manifestações. O projecto de lei já foi aprovado pelo parlamento e terá a votação final no Senado na próxima quarta-feira.

Nas últimas semanas, o protesto ampliou-se com a participação de cada vez mais jovens, que rejeitam viver pior que os seus pais e manifestam-se contra uma vida de desemprego e trabalho precário e a ameaça de uma velhice na miséria e a trabalhar.

Além das amplas manifestações, convocadas por sete centrais sindicais, a greve em todas as refinarias está a provocar a falta de combustível. O Governo foi obrigado a reconhecer que os aeroportos de Paris, Roissy-Charles de Gaulle e Orly, estavam quase sem combustível, devido nomeadamente ao bloqueio de um oleoduto, que já foi posto de novo a funcionar. Algumas estações de serviço também estão já sem combustível, estimando-se que cerca de 10% dos pontos de abastecimento não têm gasolina. O Governo de Sarkozy apelou à população para que não entre em pânico, mas as filas para o abastecimento aumentam. A CGT apelou aos camionistas a que se juntem aos trabalhadores das refinarias.

A partir de segunda-feira, os trabalhadores do caminho de ferro podem endurecer a luta e a CGT convocou uma paralisação dos trabalhadores das empresas de transportes de valores, essenciais para a banca e os hipermercados. *(Esquerda Net, 17.10.2010)*

Costa Rica:

Mineiros em greve de fome

Na Costa Rica, três ativistas da Frente Norte contra a Mineração e da Coordenadora Ni Una Sola Mina estão, desde o dia 8 deste mês, em greve de fome pela derrogação do decreto executivo nº 34-8001 do Ministério do Ambiente e da Energia (34-8001 Minaet).

Tal decreto, assinado em 2008 pelo então presidente Óscar Arias - quem declarou que o projeto é de "interesse social" -, concede à empresa canadense Infinito Gold a exploração da Mina Crucitas. Para as organizações, o projeto mineiro resultará em graves problemas ambientais por conta da contaminação.

"Dois aquíferos serão contaminados pelo cianeto que se utiliza para a extração do ouro e, ademais, se afetará a Bacia do rio San Juan, limítrofe entre Costa Rica e Nicarágua", destaca comunicado da Rede de Ação Ecologista, em solidariedade aos trabalhadores.

Além disso, a Rede destaca que pelo menos 200 hectares da mata tropical úmida, localizada no nordeste do país, serão sacrificados por conta da exploração mineira. "A concessão para a exploração da Mina Crucitas, localizada em San Carlos, foi dada à empresa canadense Infinito Gold por procedimentos considerados como irregulares, sobretudo no relativo à veracidade dos estudos de impacto ambiental e da superfície que será arrasada pelas atividades da mina", revela.

Também não são somente ambientalistas que são contrários ao projeto. Segundo o comunicado de Renace, "90% da população costarricense se opõe à empresa mineira Indústrias Infinito".

Contrários ao projeto de exploração de ouro a céu aberto no país, 13 ativistas das organizações Frente Norte contra a Mineração e da Coordenadora Ni Una Sola Mina iniciaram, no último dia 8, uma greve de fome em frente à Casa Presidencial da Costa Rica. Por questões de saúde, alguns grevistas não puderam continuar, mas seguem apoiando o protesto e realizando mobilizações pela derrogação do decreto 34-8001 Minaet.

Os três ativistas que continuam em greve de fome - Rosibel Porras, Andrés Guillén e David Rojas - já afirmaram que permanecerão até que o Governo derroque o decreto. "(...) se seguir vigente, representaria um gravíssimo precedente no que se refere à mudança do uso dos solos florestais em benefício de estreitos interesses privados e em prejuízo do meio ambiente, da biodiversidade, das comunidades e da grande maioria da população costarricense", destacou um comunicado divulgado pelas duas organizações no domingo (17) passado. *(Karol Assunção) (Adital, 21.10.2010)*

Moniz Bandeira:

Serra seria um desastre para a política externa

O cientista político e professor Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira, que vive atualmente na Alemanha, afirmou em entrevista ao site do PT que é muito grande a expectativa do mundo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, com relação ao segundo turno das eleições no Brasil.

Segundo ele, tal expectativa se deve ao sucesso do governo do presidente Lula. "Nunca o Brasil esteve tão presente nos jornais da Europa, e também dos Estados Unidos, como no governo do presidente Lula. Seus êxitos são ressaltados em numerosos artigos, que infelizmente a imprensa brasileira não transcreve", afirma Moniz Bandeira.

Ele critica a falta de sensibilidade do tucano José Serra para com o tema. "Seria um desastre para a política exterior do Brasil e prejudicaria seu comércio com os países em desenvolvimento, sobretudo da América do Sul", afirma.

Leia abaixo a íntegra da entrevista:

O mundo está acompanhando com interesse o segundo turno da eleição presidencial brasileira?

Moniz Bandeira - Sim, há grande expectativa quanto ao 2º turno da eleição presidencial, porque nunca o Brasil esteve tão presente nos jornais da Europa, e também dos Estados Unidos, como no governo do presidente Lula. Seus êxitos são ressaltados em numerosos artigos, que infelizmente a imprensa brasileira não transcreve. Há poucos dias, a edição alemã do Financial Times publicou uma página inteira sobre o sucesso do governo brasileiro, tanto sob o aspectos econômico quanto sob o aspecto social, e o mesmo fez o importante diário alemão Frankfurter Allgemeine Zeitung. Também na França a imprensa tem dado grande destaque ao governo do presidente Lula e à eleição presidencial.

O que mudaria, na política externa do Brasil, se Serra fosse eleito presidente?

José Serra nunca teve nem tem a menor sensibilidade para a política internacional. Seria um desastre para a política exterior do Brasil e prejudicaria seu comércio com os países em desenvolvimento, sobretudo da América do Sul. Ele já deu as declarações, as mais absurdas, atacando a Argentina, a Bolívia, a Venezuela e outros países. Em manteria de submissão às diretrizes políticas dos Estados Unidos, o governo de José Serra seria muito pior, mil vezes pior, do que o do presidente Fernando Henrique Cardoso. E a mudança na política externa do Brasil teria graves implicações para a política de defesa nacional. Como presidente, José Serra, sem dúvida, acabaria com o programa de reaparelhamento e modernização das Forças Armadas, suspenderia definitivamente a fabricação do submarino nuclear e a reconstrução da indústria bélica no Brasil, tudo para atender aos interesses dos Estados Unidos, que precisam vender seus armamentos obsoletos. As reservas petrolíferas da camada pré-sal seriam entregues às companhias estrangeiras, a Petrobrás e o Banco do Brasil, privatizados. Muito possivelmente José Serra também alienaria territórios da Amazônia, onde atuam 100 mil ONGs, muitas das quais, com interesses ocultos, exercem atividades ilegais, como o tráfico de drogas, de armas e de pessoas, lavagem de dinheiro e até mesmo espionagem, sob o manto de que estão a defender os direitos dos indígenas. Essas atividades devem ser reprimidas, mas dificilmente as Forças Armadas brasileiras teriam condições de fazê-lo, se o candidato do José Serra fosse eleito, uma vez que a coligação PSDB-DEM alimenta a idéia de apegar o Estado e de que, num mundo globalizado, não mais pode ser reconhecido o preceito da soberania nacional. O Brasil sofreria um enorme retrocesso.

O que mudaria, na política externa do Brasil, se Dilma confirmar sua vitória no segundo turno?

Não tenho a menor dúvida de que Dilma Rousseff dará continuidade à política exterior do presidente Lula, se vencer, o que espero e desejo, no segundo turno. Ela decerto continuará tratando de promover a união da América do Sul, não apenas como um bloco econômico, cujo epicentro é o Mercosul, mas como um espaço geopolítico, capaz de alcançar melhor inserção internacional, competindo com outras grandes massas geográficas, demográficas e econômicas, tais como China, Estados Unidos, Rússia e Índia. E, para tanto, dará seguimento ao programa de defesa nacional, que visa a reaparelhar, modernizar e capacitar as Forças Armadas para que possam defender o território nacional, tanto a Amazônia verde como que chamam de Amazônia azul, i. e., seu imenso mar territorial onde se encontram as enormes jazidas de petróleo, na camada pré-sal. (DIAP, 20.10.2010)

Brasil Metal Internacional é o boletim informativo eletrônico sobre as questões internacionais que afetam os metalúrgicos brasileiros. Ele é produzido pela Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM/CUT
Secretário de Relações Internacionais: Valter Sanches
internacional@cnmcut.org.br